



DOCENCIA - FORMACIÓN

O (INTER) DITO SOBRE SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DA/OENFERMEIRA/O.

ENTRE LO DICHO Y NO DICHO SOBRE SEXUALIDAD EN LA FORMACIÓN DE LA/EL ENFERMERA/O.

***Lemos Pereira, Adriana.**

*Profª Assistente Departamento de Enfermagem em Saúde Pública/DESP, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/EEAP, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO – Doutoranda do Instituto de Medicina Social/IMS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Brasil.

Trabalho apresentado no III Congresso Brasileiro de Ciências Humanas em Saúde promovido pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva, sob forma de comunicação oral, em julho de 2005.

Palabras chiave: Estudio da sexualidade, formação da/o enfermeira/o, diálogo e reflexão.

Palabras clave: Estudio de la sexualidad, formación enfermera, diálogo y reflexión.

RESUMO

Historicamente a formação da/o enfermeira/o sempre foi pautada na neutralidade, tanto política quanto emocional, e na super valorização da conduta, através de rígidos padrões morais e religiosos. Desde os tempos mais remotos, mesmo que de forma leiga, a enfermagem vem exercendo sua prática, sendo desenvolvida através da valorização moral, dos atributos e de comportamentos decentes (Meyer, 1995, p. 63). Objetivamos conhecer qual a abordagem pedagógica apresentada sobre sexualidade no curso de graduação de enfermagem da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e identificar qual a melhor forma, segundo os estudantes e professores, de se abordar tal temática no curso de graduação. Este estudo foi do tipo exploratório com enfoque qualitativo, Para a construção dos dados, utilizamos um questionário com perguntas abertas. Foram entrevistados 27 alunos a partir do quinto período do curso de graduação e 12 professores de ambos os sexos (de um total de 32), da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Para os professores, a visão predominante da sexualidade está centrada no campo sexual, pode-se dizer, numa visão biológica, essencialista, ou seja, como fazendo parte da natureza humana. Já a visão dos discentes se apresenta, de uma forma geral, numa perspectiva biopsicosocial, não se restringe somente ao sexo ou a genitalidade, provavelmente por uma perspectiva mais próxima da construção social. Quanto a abordagem relativa à sexualidade durante o curso, o tema foi versado por 50% dos docentes, nas diversas disciplinas da graduação, predominando a aula expositiva. Quanto ao que foi abordado, o que prevaleceu foram questões do campo biomédico como

orientações quanto à vida sexual de paciente enfartado, prevenção de gravidez e DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), higiene pessoal etc, que foi ao encontro do que afirmaram os discentes. Abordagens problematizadoras como o debate, dramatizações, dinâmicas de sensibilização, grupos de pesquisa em sala de aula foram citados por 25% dos docentes, como sendo a melhor forma de abordar a sexualidade na formação, assim como os discentes que sugerem uma abordagem que alcance também o campo psicológico e sociocultural. Enfim, sexualidade é um assunto abordado pelos docentes, porém de forma superficial, restringindo-se aos assuntos do campo biomédico. Entretanto, ambos (discentes e docentes) consideram esta temática de suma importância para a formação profissional e sugerem uma abordagem que favoreça o diálogo e a reflexão. O dito (no campo do biomédico) e o não dito (no campo sociocultural) traduz o (inter)dito sobre a sexualidade (asexualização da profissão e do usuário).

RESUMEN

Históricamente la formación del enfermero/a fue pautada en la neutralidad, tanto política como emocional, y en la sobrevalorización de su conducta, a partir de rígidos patrones morales y religiosos. Desde tiempos muy remotos, incluso cuando no se consideraba profesional, la enfermería viene ejerciendo su práctica, teniendo como base el valor moral, los atributos y comportamientos decentes (Meyer, 1995, p. 63)¹. Nuestro objetivo es conocer cuál es la forma de abordar pedagógicamente la sexualidad en el curso de graduación de enfermería en la Facultad de Enfermería Alfredo Pinto e identificar cuál es la mejor forma, según los estudiantes y profesores, de abordar este tema en el curso de graduación. Este estudio fue del tipo exploratorio con enfoque cualitativo. Para construir los datos se utilizó un cuestionario con preguntas abiertas. Fueron entrevistados 27 alumnos a partir del quinto periodo del curso de graduación y 12 profesores de ambos sexos (de un total de 32), de la Facultad de Enfermería Alfredo Pinto (EEAP), de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro (UNIRIO). Para los profesores, la visión que predomina sobre la sexualidad está centrada en el campo sexual, en una visión biológica, esencialista, o sea, que hace parte de la naturaleza humana. Ya los estudiantes tienen una visión más general, en una perspectiva biopsicosocial, que no se restringe solamente al sexo o genitalidad, sino una visión más próxima de la construcción social. En relación al enfoque de la sexualidad durante el curso se sabe que está discutida por un 50% de los docentes, en las diversas materias de la graduación, predominando la presentación expositiva. Dentro de los temas abordados, predominaron los aspectos biomédico como, por ejemplo, orientaciones sobre la vida sexual de paciente que sufrió infarto, prevención de embarazo y de las enfermedades sexualmente transmisibles (DST), higiene personal, etc. Abordajes problematizadores como debates, dramatizaciones, dinámicas de sensibilización, grupos de investigación en la clase fueron citados por 25% de los docentes como la mejor forma de abordar la sexualidad durante la formación, mientras que los alumnos sugieren que este abordaje se amplíe al campo sociológico y sociocultural. En fin la sexualidad es un asunto tratado por los docentes, sin embargo de forma superficial, limitándose al campo biomédico. Sin embargo, tanto los docentes como los alumnos consideran esta temática muy importante en la formación profesional y sugieren que se estimule el diálogo y la reflexión. Y lo no dicho (en el campo biomédico) y lo no dicho (en el campo sociocultural) se traduce en lo (inter)dicho sobre la sexualidad (asexualización del profesional y del usuario).

INTRODUÇÃO

Sexualidade, palavra dita e desdita aos quatro ventos e paredes, ainda é tema de constrangimentos e controvérsias. É fortemente vista como sendo apenas parte da natureza humana, e seus aspectos sociais e políticos quase nunca são levados em conta. A sexualidade, como forma de expressão de vida, de relação entre as pessoas, parece não existir, pois em nossa sociedade o sexo é cada vez mais um objeto de consumo, seja de forma direta (sex shops, telesexo, anúncios de jornal) ou indiretamente (mulher nua em propaganda de carro, de comida e até mesmo de roupa).

Dessa forma, o que falar quando a sexualidade está intimamente relacionada a uma prática profissional como a da enfermagem?

Historicamente, a formação da/o enfermeira/o sempre foi pautada na neutralidade, tanto política quanto emocional, e na super valorização da conduta, através de rígidos padrões morais (Meyer, 1995, p. 63)¹. No entanto, sabemos que essa neutralidade política é quase uma falácia, visto que sua prática e sua institucionalização enquanto profissão sempre estiveram atreladas aos aspectos políticos e até econômicos de determinados momentos históricos. No que tange à sexualidade, esta quase sempre foi abordada em seu aspecto biológico e reprodutivo, configurando um processo de assexualização, tanto do profissional quanto do usuário do serviço de saúde, uma vez que a relação da sexualidade de ambos sequer era mencionada.

No início do curso de graduação, as primeiras disciplinas cursadas correspondem às que abrangem as áreas básicas do conhecimento como Anatomia, Fisiologia entre outras. Após dois ou três semestres, iniciam-se as atividades práticas, específicas da área da enfermagem, pois é neste momento que a/o aluna/o passa a ter contato com o usuário do serviço de saúde, que pode estar precisando de uma orientação sobre métodos contraceptivos, prevenção de DSTs e necessidade de vacinação; pode encontrar-se em estado grave, consciente ou inconsciente, dependente total ou não dos cuidados de enfermagem; pode necessitar de uma simples orientação quanto ao auto-cuidado, ou até de um procedimento mais invasivo como exame físico, cuidados de higiene (banho no leito), administração de medicamentos, cateterismo vesical e outros. Lidar com essas necessidades pode, muitas vezes, causar dificuldades importantes para o acadêmico. A prática da enfermagem é em muitos momentos uma invasão de intimidade, pois tocam-se partes íntimas, entra-se em contato com outro corpo que não o seu, fala-se da individualidade e, às vezes, até da intimidade de pessoas jamais vistas, sendo comum surgirem alguns constrangimentos nesses momentos.

A forma como a sexualidade é tratada durante o curso é de suma importância, o currículo, oficial e/ou oculto, contribui para a construção/reconstrução de representações que vão estar relacionadas com a prática profissional e o campo da sexualidade. Daí, o nosso questionamento: A questão da sexualidade é abordada durante o curso? Se sim, como? Temos como hipótese que tal questão ainda é pouco discutida nos cursos de enfermagem, e quando é, aborda-se por um viés unicamente biopatológico. Apesar de estarmos situados no desenvolvimento de um novo currículo de Enfermagem e de novas diretrizes para o curso, precisamos identificar quais mudanças foram realizadas e que relação têm com o projeto pedagógico deste currículo. Através dos estudos de Pereira (1999 e 2000)³, entre outros autores, pretendemos desvelar e aprofundar tal questão.

É de fundamental importância uma abordagem sobre a sexualidade, em suas diversas formas de expressão, contextualizando-a social, histórica e economicamente e sobretudo

com a prática profissional, para que assim possamos contribuir para a formação de enfermeiras/os que tratem tal questão sem uma visão naturalizada e descontextualizada; sem preconceitos, dificuldades, que a permeiam e assim contribuir também para uma melhor qualidade de assistência prestada aos usuários dos serviços de saúde.

OBJETIVOS

- Conhecer qual a abordagem pedagógica apresentada sobre sexualidade no curso de graduação de enfermagem da Escola Enfermagem Alfredo Pinto;
- Identificar qual a melhor forma, segundo os estudantes e professores, de se abordar a sexualidade no curso de graduação.

ABORDAGEM TEÓRICA

A sexualidade na formação da/o enfermeira/o ...

Desde os tempos mais remotos, mesmo que de forma leiga, a enfermagem vem exercendo sua prática, sendo desenvolvida através da valorização moral, dos atributos e comportamentos decentes (Meyer, 1995, p. 63)¹. Pires (1989)⁴ afirma que a enfermagem na era cristã baseava-se na assistência caritativa prestada por monges e ordens religiosas femininas. Com a transição para o capitalismo, o desenvolvimento da profissão passou por um período de decadência - de 1500 a 1860 - *“não acompanhando o desenvolvimento científico e tecnológico que se deu nos demais campos do conhecimento”* (op. cit. p.119). Para Teixeira (1995)⁵, a Reforma Protestante ocorrida no século XVI *“marcou um novo momento, representando uma ruptura na hegemonia da Igreja Católica e introduzindo o caráter laico da enfermagem, assinalando o deslocamento da esfera privada para a esfera pública”* (p.5). Com a saída das religiosas da assistência e esta deixando de ser caritativa para ser paga e remunerada, a atenção aos doentes pobres ficou sob a responsabilidade de leigas, escravas, enfim mulheres de *status* social baixo, logo, marginalizadas. Muitos autores denominam esse momento de transição de “período negro”. Esta denominação deve-se à inserção nos quadros da prática de enfermagem, de pessoas de classes populares e da pequena burguesia nascente, mulheres analfabetas, bêbadas e espoliadas. Para mudar esse “período negro” e criar um novo padrão de enfermagem, surge na Inglaterra Vitoriana em meados do século XIX, através do trabalho de Florence Nightingale, na vigência da consolidação do sistema capitalista de produção, em meio às turbulências sociais como possibilidade de guerras, lutas de classes; confrontos religiosos, raciais e étnicos; enfrentamentos e discórdias na vida privada e feudos familiares (Gay *apud* Miranda, 1996)⁶. Nesta época, o comportamento social era baseado num distanciamento emocional entre os sujeitos, caracterizando o padrão burguês: pouco sentimento e muito controle e contenção dos gestos e expressões (Sobral, 1994)⁷. Foi nesse contexto, portanto, que se originou a enfermagem moderna.

Essa enfermagem institucionalizada contrapõe-se à imagem estereotipada do chamado “período negro”. Com o objetivo de garantir a elevação moral da enfermagem, a nobre enfermeira (Florence) implantou o chamado *“modelo vocacional e disciplinar”* (Meyer, 1995, p.69)¹, onde a disciplina e a subordinação eram quesitos indispensáveis para as futuras enfermeiras. Era preciso, para a construção da mulher enfermeira, uma formação em moldes de internato sob rígida disciplina, que lhe proporcionasse o desenvolvimento de um

caráter com “traços desejáveis a uma boa enfermeira, tais como sobriedade, honestidade, lealdade, pontualidade, serenidade, espírito de organização, correção e elegância” (Carvalho ⁸ apud Silva, 1989, p.53), incluindo aí o rigor do uniforme sempre limpo, não transparente e sem definição da silhueta corporal.

No Brasil, este padrão de formação na enfermagem se instalou no início da década de 20, com a criação, em 1923, da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, atualmente Escola de Enfermagem Ana Néri, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O padrão Ana Néri se expandiu ao longo dos anos, em todo o país. Para Sobral (1994) ⁷, a enfermagem trilhou rituais de neutralização para purificar corpos erotizados. Segundo a autora:

“...esses rituais são marcados por dois momentos distintos, mas complementares, que ajudaram, de forma decisiva, a compor a imagem da enfermeira e a representação social que se faz dela: (...) a criação de uma clausura intermediária entre o espaço privado e o público, que caracteriza o internato - a casa das enfermeiras; e o uso perfeccionista e contínuo das técnicas de enfermagem” (p.118).

Ao apresentar os rituais de neutralização, Sobral (1994) ⁷ refere-se à catequese da impessoalidade técnica, à utilização desta como um mediador entre corpos (o da/o enfermeira/o e o do sujeito do cuidado). A autora refere ainda o uso da técnica como uma estratégia para a “enfermeira manipular corpos erotizados, fazendo-se acreditar que era possível impedir que o erotismo dos corpos refluisse ou pelo menos afluísse (...) a técnica é sucessão de passos que viabiliza o tocar o outro, desde que com disciplina e controle” (p.128). Para Almeida (1989) ⁹ “As técnicas consistem na descrição do procedimento de enfermagem a ser executado, passo a passo, e especificam também a relação do material que é utilizado” (p. 29).

Enfim, a neutralidade sempre pautou historicamente a formação da enfermeira, e no currículo oculto estava subentendido que para ser enfermeira era necessário reprimir o erotismo e a sexualidade, pois estes eram vistos como algo sujo e só permitido aos homens (Lima, 1994) ¹⁰. Sabe-se, entretanto, que este cenário não mudou muito nos dias atuais, mesmo com a abolição do rígido uniforme, e do internato e a inserção de homens nas Escolas de Enfermagem. E, agora, com o novo currículo de graduação e as novas diretrizes curriculares? Falar de enfermagem, é falar de sua prática assistencial direta com o indivíduo e é através da relação do corpo e da sexualidade da/o enfermeira/o com o corpo e da sexualidade do usuário do serviço de saúde que a assistência de enfermagem se concretiza.

O Olhar Sobre o Corpo e a Sexualidade

Rodrigues (1983) ¹¹ afirma que ao corpo aplicam-se crenças, sentimentos e valores que estão na base da vida social, e esta estrutura social é que vai determinar o que e como vestir, gesticular, andar, falar; pois o social está presente nas mais simples ações humanas. Enfim, a forma como vemos o nosso e outros corpos é diferenciada pela estrutura social em que vivemos e este corpo, é o que temos de mais “natural” e concreto, portador de sensibilidade, sensualidade e sexualidade.

E é nesse corpo vivido socialmente que a sexualidade se materializa e se expressa como prazer de viver, de se relacionar com as pessoas, de trabalhar e produzir, e também de

sentir prazer sexual. Foucault (1993)¹², em História da Sexualidade - A Vontade de Saber, inaugura a discussão da construção sobre sexualidade, suas técnicas de produção e sua utilização. Através da incitação dos discursos, da confissão ao padre à anamnese do médico, foi-se construindo um saber que favoreceu o desenvolvimento de técnicas de controle/poder sobre a sexualidade. Os discursos estavam voltados para tornar a sexualidade:

“moralmente aceitável e tecnicamente útil (...) Pois essa colocação do sexo em discurso não estaria ordenada no sentido de afastar da realidade as formas de sexualidade insubmissas à economia estrita da reprodução (...) Através de tais discursos multiplicaram-se as condenações jurídicas das perversões menores...” (p.24 e p.37).

Sobre a construção da sexualidade, Vance (1995)¹³ apresenta o modelo de construção social; para a autora, esse modelo oferece uma perspectiva mais ampla para o estudo da sexualidade, e vem mostrar que ela é mediada por fatores históricos e culturais, onde *“...atos sexuais fisicamente idênticos podem ter importância social e significado subjetivo variáveis, dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e períodos históricos”* (op. cit., p.16 e 17). Heilborn também discute sexualidade por essa perspectiva, e afirma que *“A sexualidade não possui uma essência a ser desvelada, mas é antes um produto de aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana”* (Heilborn apud Vargas, 1998, p.43)¹⁴.

É fundamental para o campo da saúde entender e atender - os processos de adoecimento, da convalescença, da participação e adesão ao tratamento das doenças e/ou agravos, bem como de melhorar a qualidade de vida das pessoas - considerar o corpo e a sexualidade em suas dimensões histórica e psicossocial. É no corpo, sobre e através deste, que acontecem as intervenções dos profissionais de saúde, e aí incluímos os de enfermagem e, como diz Vargas (1998)¹⁴, essa intervenção nos corpos dos sujeitos quase sempre exclui sua subjetividade, trazendo *“conseqüências na maneira de se abordar as questões de saúde, em particular as relacionadas à prevenção”* (p.36). Logo, essa questão traz também conseqüências para a própria saúde do indivíduo.

METODOLOGIA

Este estudo foi do tipo exploratório com enfoque qualitativo, esta abordagem se torna pertinente à medida que trabalha no campo de significações, valores e relações humanas, *“um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”*. (MINAYO, 1994, p.22)¹⁵.

Para a construção dos dados, utilizamos como instrumento de trabalho de campo o questionário com perguntas abertas, que segundo Polit & Hungler (1995, p. 369)¹⁶ *“...é documento utilizado para reunir informações sob forma de auto-relatos dos questionados...”*, este instrumento permite ao entrevistado expor livremente sobre o tema proposto, sem a presença do entrevistador, possibilitando assim um discurso livre de constrangimentos ou simulações. Foram entrevistados 27 alunos a partir do quinto período do curso de graduação e 12 professores de ambos os sexos (de um total de 32), da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A análise das falas foi baseada no referencial da análise de conteúdo de Bardin (1979)¹⁷ que *“é um*

conjunto de técnicas de análise das comunicações”, para que fosse possível estabelecer articulações com o referencial teórico e responder aos objetivos traçados para a pesquisa. Para melhor clareza na apresentação da análise, identificamos os participantes docentes por **números** e os discentes por **letras**.

ANÁLISE

Ao iniciar a análise, apresentamos um breve perfil dos participantes (docentes e discentes). A seguir, como vêm a sexualidade, para, a posteriori, dar seguimento às questões pertinentes aos objetivos desta pesquisa.

Perfil dos participantes

Dos **doze docentes** participantes, três são do sexo masculino; quanto a cor, quatro se identificaram como pardos, três brancos, duas morenas e uma negra; suas idades variaram de 32 a 50 anos; a religião, apontada por oito foi a católica, dois identificaram-se como sendo protestantes, um evangélico e um afirmou não ter religião. Dos **vinte e sete discentes** participantes, três são do sexo masculino; quanto a cor: cinco se identificaram como pardos, vinte brancos, dois negros; suas idades variaram de 21 a 27 anos, sendo que três não informaram a idade; a religião apontada por doze foi a católica, nove como protestantes e/ou evangélico; três afirmaram não ter religião; um afirmou ser católico e espírita.

A sexualidade na visão dos docentes e discentes...

Tratar desta temática é algo que nos remete a algumas implicações, como por exemplo, a dificuldade de se expressar, o não interesse pela questão e até mesmo medo em tratá-la no âmbito público (o acadêmico). Em função disto, tivemos algumas questões sem respostas ou respostas breves, o que certamente comprometeu nossa análise. No entanto, não consideramos isso um ponto negativo e sim a pertinência desta temática na formação da/o enfermeira/o.

Para os professores, a visão predominante da sexualidade está centrada no campo do sexual, pode-se dizer, numa visão biológica, essencialista.

“Conhecimento sobre a prática de sexo” (4, sexo feminino)

“...um conjunto de fatores ligados a qualidade da vida sexual...” (6 sexo masculino)

Um dos precursores dos estudos sobre a sexualidade foi Freud no século XIX, com a afirmação de que o sexual não é um atributo puramente biológico, e não se identifica somente sob o aspecto genital (Birman, 1993)¹⁸ corroborando uma visão da sexualidade em sua essência. Ao contrário desta visão, Vance (1995)¹³ apresenta o modelo de construção social, este modelo oferece uma perspectiva mais ampla ao estudo da sexualidade, e vem mostrar que ela é mediada por fatores históricos e culturais onde *“...atos sexuais fisicamente idênticos podem ter importância social e significado subjetivo variáveis, dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e períodos históricos”* (op. cit., p.16 e 17).

Já, a visão dos discentes se apresenta, de uma forma geral, numa perspectiva biopsicossocial, não se restringe somente ao sexo ou ao aspecto genital, provavelmente por uma perspectiva mais próxima da construção social. Heilborn também discute sexualidade

por essa perspectiva e afirma que *“A sexualidade não possui uma essência a ser desvelada, mas é antes um produto de aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana”* (Heilborn apud Vargas, 1998, p.43)¹⁴ .

“Para mim, a sexualidade constitui-se uma parte importante do ser humano, eu poderia dizer que é a própria expressão de sua forma de ser, de viver, de se relacionar com os outros, de se inserir nos mais diferentes ambientes, de notar coisas e fazer-se notar pelos demais, enfim faz parte da sua vida.” (L., sexo feminino)

“...a maneira individual de perceber, se expressar e ser percebido, considerando valores relativos ao gênero a que se pertence, levando-se em conta tabus sociais, senso comum...” (B, sexo masculino)

Não observamos diferenças acerca da visão sobre sexualidade entre os sexos, diferentemente do estudo anterior realizado com estudantes, no qual os rapazes relacionavam sexualidade com o sexo e o prazer e as moças com o sentimento (Pereira, 1999)² .

Por fim, consideramos que as representações que temos influenciam a forma como agimos e ao falarmos na relação pedagógica, consideramos que o currículo, oficial e/ou oculto, também pode contribuir para a construção/reconstrução de representações que vão estar relacionadas com a prática profissional e o campo da sexualidade (op cit). Daí considerar-se a questão da abordagem da temática sexualidade durante o curso de graduação.

Abordagem da sexualidade durante o curso...A visão do hoje!

O tema sexualidade foi abordado por 50% dos docentes, nas diversas disciplinas da graduação, predominando a aula expositiva. Um docente referiu ter abordado uma atividade de extensão. Quanto ao que foi abordado, o que prevaleceu foram questões do campo biomédico, como orientações quanto a vida sexual de pacientes que foram acometidos por infarto de miocárdio, prevenção de gravidez e DSTs, higiene pessoal etc, que foram ao encontro do que afirmaram os discentes. O dito (no campo do biomédico) e o não dito (no campo sociocultural) traduzem o (inter)dito sobre a sexualidade (assexualidade da profissão e do usuário). Logo, abordar tal questão de forma não dialogal, não crítica e reflexiva ou simplesmente não aborda-la, pode configurar um processo de assexualidade tanto do futuro profissional quanto do usuário do serviço de saúde e influenciar negativamente a qualidade da assistência.

A abordagem pedagógica utilizada se aproxima da Tradicional, à medida que a maioria das aulas citadas foi expositiva e com restrição do diálogo e reflexão sobre o assunto, ou seja, como nos diz Bonfim (2000)¹⁹ , sem vínculo com a experiência do aluno ou com a realidade social. Para Louro (1997, p. 133)²⁰ , o tratamento da sexualidade nas salas de aula é “atravessado” por escolhas morais e religiosas e geralmente mobiliza uma série de dualismos: saudável/doentio, normal/anormal (ou desviante), heterossexual/homossexual, próprio/impróprio, benéfico/nocivo, etc.” Esta forma dicotômica limita o olhar e reforça preconceitos e representações negativas.

Todos os participantes afirmaram ser importante abordar a temática no curso, e 66% dos docentes justificaram com questões que remetem aos aspectos relacionados com a vida dos alunos. Como vemos abaixo:

“...acredito que estas questões quando bem discutidas proporcionam um melhor entendimento da vida sexual, diminuindo e/ou evitando transtornos no futuro” ...” (6 sexo masculino)

“...porque muito dos nossos jovens têm informações distorcidas sobre sexualidade.” (2 sexo feminino)

A necessidade de se abordar tal temática, como um questão que se refere à formação/prática profissional foi apontada por 16% dos docentes entrevistados.

“Fundamental, pois cuidamos de corpos e precisamos entendê-los em sua plenitude.” (5 sexo feminino)

“...aspecto humano, objeto da enfermagem” (10 sexo masculino)

Comungamos plenamente com estas duas falas, pois nossa profissão lida com corpo, logo, tratam-se de corpos que cuidam de outros corpos e a sexualidade se expressa no corpo e através deste, que toca e é tocado. Logo, como não discutir isto como questão fundamental para profissão? Como nos diz Figueiredo (1998, p.59)²¹ “ a sexualidade está presente nas emoções, na sensibilidade, no jeito de ser de cada um de nós”. A fala da discente abaixo retrata a importância da temática na profissionalização da enfermeira/o:

“Sim. Porque acredito que nós precisamos de um preparo, de uma visão ampliada, de uma atitude reflexiva para escutar, compreender e cuidar do outro. Como enfermeiros nos dispomos a cuidar de uma forma integral do ser humano, logo não podemos negar, desarticular ou desvalorizar a sexualidade de quem cuidamos.” (B, sexo feminino)

Pereira (1999)² corrobora esse pensamento ao dizer que: “Falar de enfermagem, é falar de sua prática assistencial direta com o indivíduo e é através da relação do corpo da/o enfermeira/o como corpo do usuário do serviço de saúde que a assistência se concretiza”. Portanto é fundamental a discussão do tema durante o curso, o que foi confirmado pela unanimidade nas respostas de maneira franca e comprometida, pois a atitude reflexiva desencadeia um processo de auto-avaliação, identificando como as representações, o conhecimento teórico e a vivência pessoal influenciam a prática acadêmica, e, posteriormente, a profissional.(Pereira, op. cit)²

Abordagem da sexualidade... de amanhã!!

Abordagens questionadoras como debates, dramatizações, dinâmicas de sensibilidade, grupos de pesquisa em sala de aula foram citadas por 25% dos docentes, como sendo a melhor forma de abordar a sexualidade na formação. A necessidade da criação de uma disciplina específica para abordar a sexualidade foi apontada por 19% dos discentes, como o exposto na fala:

“Eu sugiro que a academia inclua no seu currículo uma matéria sobre sexualidade, ainda que seja optativa...” (F, sexo feminino)

Consideramos que, apenas uma disciplina não poderia suprir o assunto em questão, e que tal temática deva permear toda a formação, como um tópico transversal do currículo, no entanto concordamos com Louro(1999)²², quando afirma que a abordagem deste assunto deve ocupar um lugar especial no currículo, diferentemente das outras disciplinas objetivas,

que permita experiências como: leituras, seções de filmes, debates e discussões. A autora enfatiza que a maneira ideal de tratar a sexualidade é através do uso de testemunhos, debates, teatros, mesa-redonda; meios, enfim, de fazer com que os estudantes percebam a importância do conhecimento para suas próprias vidas, tornando-se mais responsáveis em suas decisões. Esta afirmação complementa a opinião dos 81% dos discentes que desejam uma abordagem interativa baseada em oficinas de expressão, dinâmicas, fórum de debates, recursos audiovisuais, palestras, reuniões, enfim, partilha de experiências.

A oportunidade de discutir o tema, é considerada, pelos alunos, como uma possibilidade de discutir e/ou vivenciar, na academia, as situações que podem vir a comprometer o desempenho dos futuros profissionais, preparando-os para lidar com as diversas questões que a sexualidade pode desencadear.

Ao perguntarmos como a abordagem poderia influenciar a prática profissional, 16% afirmaram não o saber e 66% dos docentes se referiram a um melhor entendimento acerca dos clientes, para melhor cuidarem, orientarem, ajudá-los encarar a prática profissional etc:

“Facilitando o entendimento deles quanto: opções, desejos/necessidades, auto-estima etc. de seus clientes.” (5, sexo feminino)

Quantos aos discentes, 30% levantaram a questão de aprender para melhor ensinar, muito ligada à definição de conceitos, ampliação de visão/ limites e quebra de tabus, o que nos remete à necessidade de reflexão e de auto-conhecimento relativo ao tema, atuando como fator transformador do comportamento dos acadêmicos, conferindo-lhes mais segurança durante sua atuação, como o exposto na fala a seguir:

“Quando o acadêmico de enfermagem tem conhecimento do que é realmente sexualidade, ele se sente mais a vontade para falar sobre o assunto, com uma diferença fundamental de não disseminar informações erradas ou parciais. O conhecimento do assunto faz cair a barreira do preconceito.” (D, sexo feminino)

A preocupação dos acadêmicos em lidar com situações que lhes causem constrangimentos, é expressada em 37% das respostas. O desconhecido, o não saber como agir, causam muita ansiedade ao acadêmico. A abordagem da sexualidade vem, nesse caso, segundo os próprios sujeitos, como um agente facilitador, melhorando o contato com o cliente, diminuindo as surpresas e contribuindo para a qualidade do atendimento.

“Nos deixa mais preparados, ou pelo menos, cientes das diversidades de situações com as quais poderemos nos defrontar nos campos de estágio e futuramente na vida profissional.” (B, sexo feminino)

Dos docentes participantes, 58% referiram não terem vivido algo relacionado à sexualidade no campo prático. Para nós, esta afirmação pode estar revestida do constrangimento em falar sobre algo que remete à própria sexualidade. Dos docentes que responderam afirmativamente, foram citadas questões, como orientação ao paciente colostomizado, constrangimento do paciente ser tocado na área genital, entre outros:

“...casos de pacientes se apaixonarem como também assediada por profissionais” (5, sexo feminino)

“...atuação em enfermarias com doente masculino acamado deixando-o em constrangimento ao ser tocado” (7, sexo feminino).

Já 55% dos discentes entrevistados afirmaram terem vivido situações que envolvessem sua sexualidade, os exemplos compreendem basicamente vivências como o banho no leito, cateterismo vesical, entre outros, ou seja, questões relacionadas com o contato entre os corpos, perpassando também por formas de expressão deste contato (Pereira,1999) ². As sensações de constrangimento, invasão de privacidade e preocupação com o outro permearam tais momentos, principalmente quando o cliente era do sexo oposto, como percebemos a seguir:

“Sim. A primeira vez que passei uma sonda vesical em um homem, me senti muito incomodada e preocupada com o incômodo que o cliente poderia estar sentindo por ser uma mulher realizando tal procedimento.” (Q, sexo feminino)

Para uma melhor atenção à saúde, o corpo e a sexualidade devem ser vistos em suas dimensões histórica e psicossocial, e não somente pelo prisma biomédico.

Dos docentes entrevistados, 8,3% se consideram –se não preparados para lidar com a sua sexualidade no campo prático, frente a 30% dos discentes. As justificativas foram bastante heterogêneas, variando desde a oportunidade de não terem vivenciado situações que os testassem, até a afirmação de preconceitos em relação a própria sexualidade e a necessidade de lidar melhor com alguns conceitos. Porém, uma das respostas mostra-se muito significativa, cabendo aqui destacá-la:

“Não me sinto preparada. Acho que tentaria “anular” a minha sexualidade e usaria da autoridade para reprimir a do paciente.” (L, sexo feminino)

Observando essa fala, podemos perceber o quão é importante discutir a sexualidade em aspectos mais amplos, como expressão de vida, influência por questões socioculturais, relação entre as pessoas, envolvendo aí, tanto a expressão do profissional quanto a de quem receberá o cuidado (op. cit.), pois, a atuação do futuro profissional pode ser, em muitos casos, prejudicada pela falta de reflexão durante o curso, momento fundamental para trabalhar conceitos e repensar atitudes, para que a ausência da discussão sobre a sexualidade não venha a prejudicar a assistência através da adoção do silêncio, rigor, e postura em detrimento do envolvimento com o usuário.

Os outros 70% dos discentes entrevistados que afirmaram estarem preparados para lidar com sua sexualidade e a do cliente, durante o ensino prático, relataram, dentre outras estratégias, que, para lidar com a situação, deve-se estabelecer uma relação de confiança e respeito com o usuário da assistência, priorizando o diálogo com o paciente. Os docentes responderam com frases curtas e evasivas.

“Através de conversa antes de qualquer procedimento que exponha sua privacidade, explicando tudo e o motivo daquela intervenção.” (H, sexo feminino)

“Conversaria. Acho que o diálogo é o melhor caminho para os problemas.” (N, sexo feminino)

“...de forma natural” (11, sexo feminino)

O diálogo é considerado o ponto de partida de docentes com seus alunos, debatendo questões do cotidiano da profissão para que os mesmos também possam tratá-las, de forma dialogal, com os usuários. A medida que se faz silêncio, evita-se a abrangência incompleta

de toda a multiplicidade e especificidade das questões da sexualidade, e, dessa forma, continuaremos reproduzindo a máxima dita nas salas e corredores escolares “Enfermeira não tem sexo!” e parafraseando Sobral (1994)⁷ trilhando rituais de neutralização para purificação de corpos erotizados, através dos procedimentos técnicos e do não envolvimento com o paciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sexualidade é um assunto abordado pelos docentes, porém de forma superficial restringindo-se a assuntos do campo biomédico, o que diverge da visão mais ampla dos discentes que sugerem uma abordagem que alcance também o campo psicológico e sociocultural. Entretanto, ambos (discentes e docentes) consideram esta temática de suma importância para a formação profissional.

Esta temática foi abordada por 50% dos docentes e 81% dos discentes participantes afirmaram tê-la abordado em sala de aula. No entanto, o assunto foi pouco discutido e apresentado sem profundidade, privilegiando o rigor formal dos procedimentos técnicos da assistência. Os assuntos mais citados foram os dos Programas do Ministério da Saúde, segundo os discentes, e orientações sobre higiene, prevenção de DST, cuidados pós operatórios pelos docentes. Percebemos que tal assunto ainda é incipiente no cotidiano acadêmico.

Ambos os atores (discentes e docentes) consideram importante tal temática no curso, e sugerem uma abordagem que favoreça o diálogo e a reflexão. O dito (no campo do biomédico) e o não dito (no campo sócio-cultural) traduzem o (inter)dito sobre a sexualidade (não assexualidade da profissão e do usuário). Esta pesquisa vem reforçar a necessidade de discutir a questão da sexualidade de forma abrangente e contextualizada, que considere o corpo, sentimentos e vivências em seus aspectos históricos e sociais. E, para isso, uma abordagem pedagógica questionadora é de suma importância.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Maria C. P. de. O saber de enfermagem e sua dimensão prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
2. BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
3. BOMFIM, M^a Inês do Rego. Tendências e Movimentos Pedagógicos Contemporâneos no Brasil: caminhos atuais da educação brasileira. In: Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem – Núcleo Estrutural. Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2000.
4. BRASIL. Ministério da Educação. Portaria no 1721/94: Dispõe sobre o currículo mínimo do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília: MEC, 1994.
5. FIGUEIREDO, Nélia M^a. de Almeida. O corpo da enfermeira instrumento do cuidado de enfermagem - Um estudo sobre representações de Enfermeiras. Tese de Doutorado - Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

6. _____. O cuidado sensual: As questões éticas que envolvem o tocar em enfermagem - Uma experiência. Caderno de Pesquisa cuidado é fundamental. Rio de Janeiro, ano II, jul./set., 1998.
7. FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I - A vontade do Saber, 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
8. GERMANO, Raimunda M. Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1993.
9. GIAMI, Alain. Representações e sexualidade - Psicologia Social e Pluridisciplinaridade. In: A sexualidade nas Ciências Humanas. LOYOLA Mª Andréa (Org). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
10. LIMA, Maria J. de. O que é enfermagem. São Paulo: Brasiliense, 1994.
11. LOURO, Guacira, L. A emergência do gênero. In: Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
12. _____(org). Pedagogias da sexualidade. In: O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
13. MEYER, Dagmar E. D. A formação da enfermeira na perspectiva do gênero: uma abordagem sócio-histórica. In: Maneiras de Cuidar, Maneiras de Ensinar. A enfermagem entre a escola e a prática profissional. WALDOW et alli (Org.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
14. MINAYO, Maria Cecília de S. O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. RJ: HUCITEC/ABRASCO, 1992. .
15. MIRANDA, Cristina, M. L. O Risco e o Bordado. Um estudo sobre a formação da identidade profissional. Tese de Doutorado, Instituto de Medicina Social/UERJ, Rio de Janeiro, 1996.
16. MIRANDA, Cristina, M. L. O Risco e o Bordado. Um estudo sobre a formação da identidade profissional. Ed. EEAN/IPUB, Rio de Janeiro, 1998.
17. PEREIRA, Adriana L. P. Enfermeira (o) não tem sexo (?): representação social de graduandas (os) de enfermagem sobre sexualidade. Dissertação de Mestrado apresentada Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
18. _____. Sexualidade e enfermagem: representações de graduandas/os de enfermagem. Relatório Final de Pesquisa Institucional. EEAP/UNRIO, 2000 (mimeo).
19. POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadete P. Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
20. SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16, nº2, 1990.

21. SILVA, Graciete B. da. A enfermagem profissional: Uma análise crítica. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
22. SILVA JÚNIOR, Osdir, C. A divisão social & sexual do trabalho em saúde: enfermeiros: a emergência do masculino. Caderno de Pesquisa cuidado é fundamental. Rio de Janeiro, ano I, abr/jun., 1997.
23. SOBRAL, Vera. R. S.A Purgação do Desejo: Memórias de Enfermeiras. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.
24. TEIXEIRA, Elizabeth, M. A ideologia do feminino na formação da/o enfermeira/o. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação/UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.
25. VANCE, Carole, S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. Physis, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: Relume Dumará: IMS/UERJ vol. 5, nº1, 1995.
26. VARGAS, Eliane P. Corpo e sexualidade através das imagens em vídeo. Dissertação de Mestrado, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde/UFRJ, 1998.

ISSN 1695-6141

© [COPYRIGHT](#) Servicio de Publicaciones - Universidad de Murcia